



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 11 de maio de 2023

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo R\$ 1.320	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,31% São Paulo	105.148	R\$ 4,950 (-0,75%)	Últimos	R\$ 5,436	13,65%	13,65%	Novembro/2022 0,41 Dezembro/2022 0,62 Janeiro/2023 0,53 Fevereiro/2023 0,84 Março/2023 0,71
0,09% Nova York	107.448	4/maio 4,993 5/maio 4,944 8/maio 5,011 9/maio 4,987					

DIPLOMACIA

Agenda política e econômica no G7

Além de discutir assuntos como reforma do Banco Mundial, economia verde e financiamento de infraestrutura em países emergentes, Brasil busca papel de mediador no conflito entre Rússia e Ucrânia

» RAFAELA GONÇALVES

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, começa, hoje, sua agenda oficial no Japão na reunião de ministros de finanças e presidentes de bancos centrais do G7, grupo das sete maiores economias do mundo, formado por Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá. O Brasil participa do evento como convidado, assim como representantes de outros países emergentes como Indonésia e Índia.

A ida de Haddad antecede o encontro dos líderes do clube de países ricos marcado para o próximo dia 19, também no Japão, que contará com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). De acordo com interlocutores do governo, a expectativa é de que o ministro prepare o terreno para Lula, reforçando a relevância do país no cenário internacional, e discuta reformas necessárias para a economia, além de criar laços com os atores do G7 e seus convidados.

Segundo Felipe Queiroz, especialista em macroeconomia, dois temas centrais devem ser tratados pelo grupo: agenda econômica sustentável e acordo para pôr fim à guerra entre Rússia e Ucrânia. “Uma das bandeiras diplomáticas do Brasil será a da preservação ambiental, do reflorestamento da Amazônia e das ações contra mudanças climáticas. Outro ponto é que o país, historicamente, defende uma posição pacifista de política externa, e esse discurso deve ser entoado do G7”, afirmou.

Um ponto crucial do encontro

é o reforço da imagem do Brasil como mediador de conflitos. A ida simultânea do assessor especial da Presidência, o ex-chanceler Celso Amorim, à Ucrânia, será importante, de acordo com especialistas, para retomar a percepção de neutralidade do país após uma aproximação com China e Rússia que foi criticada por Estados Unidos e países da Europa, levando adiante o plano de Lula de criar “um grupo da paz” capaz de negociar o fim do conflito no Leste europeu.

O G7 tem dado à Ucrânia ajuda financeira e militar desde que a Rússia invadiu o país. “O convite é importante para a estratégia do Brasil de fortalecer a percepção do país como mediador. Neste sentido, a ida de Celso Amorim à Ucrânia, após as declarações desastrosas de Lula igualando russos e ucranianos como responsáveis pela guerra, visa servir como uma ponte. É um movimento para calibrar a posição brasileira, condição necessária para que o país possa negociar o conflito”, avaliou Pedro Feliu, professor de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP).

Feliu acredita ainda que o Brasil pode articular também algum tipo de negociação para tentar salvar a Argentina da crise econômica. “O presidente Alberto Fernández já sinalizou que quer ajuda na recuperação econômica argentina, e ajudar o país vizinho será uma barganha importante, pois o FMI (Fundo Monetário Internacional) é, justamente, controlado pelo G7. Isso fortalece o papel do Brasil como liderança sul-americana e é uma estratégia

Fabio Rodrigues Pozzebom/ Agência Brasil



Reuniões de Fernando Haddad, no Japão, antecedem presença de Lula no encontro de líderes, no dia 19

importante de parceria entre os dois países”, observou.

Temas

Nesta quinta-feira, Haddad viaja de trem para Niigata, cidade que vai sediar a reunião do G7. A primeira atividade será um encontro com a secretária do Tesouro dos Estados Unidos, Janet Yellen, para tratar da reforma do Banco Mundial, entre outros temas de interesse bilateral. Amanhã, o ministro conversa com o economista Joseph Stiglitz sobre

política industrial verde. As atividades do grupo começam neste dia e Haddad tem presença confirmada em todas as sessões. O retorno para o Brasil está previsto para sábado.

“A primeira mesa, que contará também com a presença de Stiglitz, abordará o futuro do Estado de bem-estar social. A segunda sessão discutirá a macroeconomia dos países emergentes, e a terceira focará no desafio do financiamento, sobretudo na área de infraestrutura”, informou o Ministério da Fazenda.

Auxiliares do presidente Lula já sinalizaram que o governo deve tentar ainda convencer os líderes do G7 de que o Brasil é a ponte ideal para reabrir algum tipo de diálogo entre o grupo e o Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Um chefe de Estado brasileiro não era convidado para o G7 desde 2009, quando o próprio Lula era presidente, e o mundo atravessava a crise financeira global desencadeada pela quebra do banco Lehman Brothers, nos EUA, no ano anterior.

CONJUNTURA

Indústria cresce, mas recuperação é frágil

Após dois meses consecutivos de queda, a produção industrial do país cresceu 1,1% de fevereiro para março. Segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgada, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mesmo com o resultado, a indústria nacional ainda está 1,3% abaixo do patamar pré-pandemia, de fevereiro de 2020, e 17,9% abaixo do nível recorde da série, alcançado em maio de 2011.

Das 25 atividades investigadas pela pesquisa, 16 avançaram em março. Entre elas, as principais influências sobre o índice geral vieram dos setores de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (1,7%), máquinas e equipamentos (5,1%) e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (6,7%).

Segundo o gerente da pesquisa, André Macedo, apesar da alta, a indústria ainda apresenta uma tendência de recuperação sólida. “Em março, a maior parte das atividades ficou no campo positivo, e a indústria marcou um crescimento que não era visto desde outubro do ano passado. Então, há uma melhora do comportamento da produção industrial, especialmente considerando esse crescimento de magnitude mais elevada, mas ela ainda está longe de recuperar as perdas do passado recente”, avaliou.

Sob ótica das categorias, os bens de capital (máquinas e equipamentos usados para aumentar a produção) avançaram consideravelmente, com uma alta de 6,3%. No entanto, Macedo destacou que há, na conjuntura do país, elementos que ajudam a explicar as dificuldades de recuperação do setor industrial. “Ainda permanecem no nosso escopo de análise as questões conjunturais, como os juros em patamares elevados, que dificultam o acesso ao crédito, a taxa elevada de inadimplência e o maior nível de endividamento das famílias, assim como o grande número de pessoas fora mercado de trabalho e a alta informalidade”, enumerou.

O segmento de confecção de artigos de vestuário e acessórios, que teve queda de 4,7%, exerceu a principal influência negativa entre as oito atividades que recuaram no mês. O setor havia crescido por três meses consecutivos, acumulando ganho de 13,5% no período. Os setores de móveis (-4,3%) e de produtos de metal (-1%) também se destacaram entre as quedas.

A economista do C6 Bank Claudia Moreno ponderou que a recuperação do setor no último mês foi pontual. “Mesmo com o dado positivo em março, não é possível dizer que a indústria vem se expandindo, pelo contrário, ela está praticamente estagnada há dois anos”, destacou.

“A frente, vemos a indústria andando de lado ou até retraindo. Isso porque a taxa de juros em patamar elevado, a queda no preço das commodities e a desaceleração da economia global são fatores que comprometem a expansão deste segmento”, acrescentou Moreno. Segundo ela, o dado de março o não altera a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,5% em 2023 e de 1% em 2024. (RG)

COMBUSTÍVEIS

Frente quer ampliar uso do biodiesel

» HENRIQUE FREGONASSE*

A importância do biodiesel na substituição de combustíveis fósseis tem sido amplamente discutida por países que buscam reduzir suas pegadas ecológicas. O **CB.Poder** — parceria entre o **Correio** e TV Brasília — recebeu, ontem, o deputado Alceu Moreira (MDB-RS), presidente da Fundação Ulysses Guimarães e coordenador da Frente Parlamentar do Biodiesel no Congresso, para falar sobre esse recurso, do qual o Brasil é o terceiro maior produtor mundial.

A Frente defende a elevação da mistura do biodiesel ao diesel dos atuais 12% para 15%, de imediato. Caso o aumento da mistura seja aprovado, pretende pôr em pauta o aumento para 20% até 2026. Moreira ressalta que, para qualquer país que, assim como o Brasil, deseje ser agroambiental, é imprescindível buscar matrizes energéticas renováveis. Destaca, ainda, que, além de utilizar restos que seriam desperdiçados para abastecer a frota brasileira de veículos, a produção de biodiesel fomenta toda a cadeia

produtiva do agro. “O biodiesel geralmente começa numa lavoura e termina numa prateleira de supermercado”, explicou.

Segundo o parlamentar, o sucesso do Brasil em eficiência energética depende da legislação. A elevação da mistura é vista com reservas pela indústria automobilística, sob a alegação de que a maior presença de biodiesel afetaria negativamente os motores. Contudo, de acordo com Moreira, não há prova concretas de que isso ocorra.

Segundo ele, o objetivo da frente parlamentar do biodiesel é trazer a questão para debate, envolvendo tanto questões favoráveis quanto contrárias ao aumento da mistura. Para o deputado, é importante o foco na rastreabilidade e transparência. “A nós, não interessa que, na política do biodiesel, haja qualquer coisa que não seja absolutamente transparente”, afirmou o coordenador.

Alceu Moreira acredita que é imprescindível buscar autonomia. Para o deputado, a independência energética é um fator de prevenção no caso de conflitos

Mariana Lins



Para o deputado Alceu Moreira (MDB-RS), o país precisa de independência energética com fontes renováveis

que envolvam o Brasil. Não se pode ficar refém de recursos dominados por outras nações. “Seria mais ou menos como discutir nacionalismo no mundo globalizado e questionar como um país poderia ser o mais independente possível”, compara.

Questionado sobre o potencial da sustentabilidade do biodiesel para o Brasil, o parlamentar afirma ter plena convicção.

“Nós temos condição de ser 100% biodiesel. Seremos. A questão é o tempo”, afirma. Para Moreira, a chave está na pesquisa e no desenvolvimento tecnológico.

O presidente da Fundação Ulysses Guimarães mostra que a frente tem grande expectativa no potencial do biodiesel. “Queremos imediatamente criar uma política decenal para

o biodiesel, de tal maneira que se possa desenvolver pesquisa, tecnologia e inovação, inclusive para a construção de motores 100% utilizadores de biodiesel.”, afirma. Por uma perspectiva otimista, vê até mesmo a possibilidade da exportação desses motores em escala global.

*Estagiário sob a supervisão de Odaíl Figueiredo